



ALOCUÇÃO

78º ANIVERSÁRIO DA FORÇA NAVAL DO NORDESTE

CMG (Ref) Hermenegildo Andreiuolo

Alocução proferida durante cerimônia alusiva aos 78 anos da criação da Força Naval do Nordeste.

A Força Naval do Nordeste (FNNE) foi a força mais expressiva da Marinha de Guerra do Brasil durante a 2ª Guerra Mundial. Ela teve origem na Divisão de Cruzadores que, antes da entrada do Brasil na guerra, patrulhava o litoral do saliente nordestino.

Ainda com aquele nome foi incorporada, em 12 de setembro de 1942, ao Comando da Força do Atlântico Sul e, mais tarde, à 4ª Esquadra Americana, cujo quartel general ficava em Recife.

Para o Brasil, a 2ª Guerra Mundial foi mais longa e

mais dolorosa no mar. O primeiro incidente de guerra registrado na nossa região foi em 13 de dezembro de 1939, quando o cruzador alemão *Admiral Graf Spee*, que atuava no Atlântico Sul como corsário, entrou em combate com um Grupo Tarefa inglês, no litoral do Uruguai.

Assim, desde os primeiros dias da guerra na Europa, as nossas autoridades se viram na necessidade de preparar a nossa força naval para defender a neutralidade em que o País vivia.

Na década de 1930, o Presidente Getúlio Vargas pretendia aumentar a industrialização e fortalecer o comércio exterior brasileiro e passou a praticar com a Alemanha um sistema de compensação de comércio exterior que atingiu seu apogeu em 1938.

Em 1940 foi assinado o tratado de proteção mútua contra agressão externa no continente, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos assinaram outro tratado para comprar todas as nossas matérias-primas,



a fim de impedir que qualquer tipo de suprimento fosse fornecido para a Alemanha ou a Itália.

Em fevereiro de 1942, durante a primeira ação alemã contra os Estados Unidos, os primeiros navios brasileiros foram ao fundo, no litoral da Virgínia. Esses eventos foram se intensificando, havendo o torpedeamento de vários navios mercantes com a perda de inúmeras vidas.

O Almirante Karl Doenitz, no seu livro de memórias *Diez Años y Veinte Días*, escreveu mais tarde:

“Finalmente, havia a possibilidade de operações na costa do Brasil. Nossas relações políticas com aquele país vinham há algum tempo se deteriorando cada vez mais e as ordens do Alto Comando Naval com relação à nossa atitude para com a navegação brasileira enrijeceram-se. Em 27 de janeiro de 1942, como resultado do estado de guerra que existia entre nós e os Estados Unidos, o Brasil rompeu relações diplomáticas conosco. Até então, nenhum navio brasileiro havia sido afundado por um submarino alemão. No entanto, entre fevereiro e abril de 1942, nossos submarinos torpedearam e afundaram sete navios brasileiros....”

Confrontada com a necessidade de proteger a costa brasileira das consequências do conflito, a Marinha do Brasil estava mal equipada para cumprir a sua missão. Naquele momento, estávamos em uma situação extremamente precária. Quase todos os nossos navios eram de antes da 1ª Guerra Mundial e estavam em má situação de conservação.

O tráfego marítimo tornou-se extremamente significativo no Atlântico Sul para o comércio entre a América do Sul, a Europa e os Estados Unidos e a posição geográfica do saliente nordestino justificava

ainda mais a participação do País no conflito. Como nós fornecíamos muita matéria-prima para os Estados Unidos, atacar navios brasileiros era um modo de atacar a máquina de guerra norte-americana e, assim, os alemães foram, progressivamente, intensificando suas ações no Atlântico Sul.

Mas o clímax que resultou na declaração de guerra do Brasil ao Eixo, em 31 de agosto de 1942, foi o ataque praticado pelo submarino alemão U-507 a 6 navios mercantes brasileiros, vitimando 607 pessoas em somente cinco dias.

No dia 5 de outubro daquele mesmo ano, foi estabelecido um comando único para a Força do Atlântico Sul, tendo sido criada a FNNE, sob o Comando do Capitão de Mar e Guerra Alfredo Carlos Soares Dutra, que foi veterano da 1ª Guerra Mundial, com as tarefas de prestar proteção e segurança ao tráfego marítimo aliado na área marítima compreendida entre Florianópolis e a Ilha de Trinidad, no Caribe, além de atuar na interceptação de navios corsários do Eixo e de navios furadores do bloqueio no Cinturão do Atlântico Sul (área marítima compreendida entre Natal, Ascensão e Serra Leoa).

Durante a guerra naval, marinhas de todo o mundo foram alcançadas pela grande surpresa da arma submarina. O foco antissubmarino dos combates navais foi significativo para as marinhas mais desenvolvidas, mas foi particularmente sério para a nossa Marinha, que não possuía meios e nem treinamento para esse tipo de guerra.



Mais uma vez, as nossas autoridades navais, alertas para essa necessidade, se empenharam em um grande projeto de reestruturação e preparo da nossa Força, buscando o recebimento de novos meios navais e intensificando o intercâmbio profissional com a marinha norte-americana, ocasião em que muitos dos nossos oficiais e praças foram matriculados nas escolas de treinamento naval dos Estados Unidos.

Particularmente, no caso do então promovido Contra-Almirante Soares Dutra, os seus atributos morais e profissionais, aliados à sua elevada capacidade de liderança, foram essenciais para a superação dos obstáculos e para o preparo daquela Força Naval que hoje homenageamos.

Os aperfeiçoamentos, realizados nos centros de treinamento em Miami e em Key West, foram fundamentais para absorvermos tecnologias essenciais para a guerra antissubmarino, e para a operação dos novos sensores e armamentos que eram o estado da arte na guerra naval.

Inicialmente composta pelos Cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, bem como os Mineiros *Carioca*, *Caravelas*, *Camaquã* e *Cabedelo*, mais tarde reclassificados como Corvetas, além dos novos Caças-Ferro *Gurupi* e *Guaporé*, recebeu, mais tarde, o reforço do Tender *Belmonte*, dezesseis caças submarinos e oito contratorpedeiros de escolta que, junto com os submarinos Classe T (patrulhando a costa brasileira), passaram a constituir o nosso maior esforço operacional no mar, como parte da Força-Tarefa 46, atuando em conjunto com a Força Aérea Brasileira (FAB) e a *United States Air Force* (USAF) na feroz guerra antissubmarino que se desenvolveu no Atlântico Sul.

O desempenho de nossa Marinha na 2ª Guerra não deve ser medido pelo número de submarinos do Eixo afundados, mas pela quantidade de navios aliados que não o foram. Essa era a verdadeira função da escolta: afastar o inimigo. Um inimigo sorrateiro que exigia atenção constante e reação imediata.

Foram escoltados, com segurança, milhares de navios de diversas nações e milhões de toneladas de produtos organizados em centenas de comboios regulares, de ida e volta, sendo que 99% deles atingiram os seus destinos.

Essas movimentações ainda permitiram o recolhimento de 654 naufragos e pelo menos 66 ataques a submarinos inimigos, impondo danos ou afundamento a 12 deles no litoral brasileiro, o que permitiu manter abertas as vias de comunicação marítimas no Atlântico Sul.

Ainda como parte das ações da Força Naval do Nordeste, podemos incluir a escolta da Força Expedicionária Brasileira (FEB) até Gibraltar, contando com os

três contratorpedeiros Classe *Marcílio Dias* construídos no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Como a tarefa não consistia necessariamente em afundar os submarinos inimigos, mas assegurar que os comboios navegassem ilesos, a Força Naval do Nordeste foi vitoriosa e cumpriu a sua missão.

Tiveram ataques contra navios brasileiros mas, de modo geral, fomos muito bem-sucedidos.

Mas a 2ª Guerra Mundial impôs um alto custo ao Brasil. Durante as operações da Marinha, tanto a de Guerra quanto a Mercante, 1.456 pessoas perderam suas vidas.

Em termos comparativos, a Força Expedicionária Brasileira perdeu entre 450 e 500 soldados durante a campanha na Itália.

A 2ª Guerra Mundial, para nós, teve início em 1939 e se prolongou até a rendição do Japão, tornando-se, essencialmente, uma guerra naval. Nela comprovamos a atenção e dedicação da Alta Administração Naval, a liderança do Almirante Soares Dutra, a grande capacidade profissional e extrema coragem dos nossos oficiais e praças, a dedicação e a bravura dos nossos marítimos e de todos os brasileiros que trabalharam nas nossas bases e portos, a quem prestamos hoje, nessa homenagem, o nosso reconhecimento e agradecimento pelo profissionalismo, dedicação e coragem na defesa da nossa Pátria e na luta por um mundo melhor.

Os nossos heróis da Força Naval do Nordeste serão sempre lembrados por nós e eternamente reconhecidos pelo seu legado de paz e pelo elevado profissionalismo demonstrado naquela ocasião.

Terminado o conflito, a Marinha recebeu o reconhecimento devido pela sua atuação. Os componentes da FNNE foram recebidos pelo Presidente Getúlio Vargas e, posteriormente, participaram do Desfile da Vitória, na Avenida Rio Branco.

O Almirante Jonas Ingram, Comandante da Quarta Esquadra Americana, se manifestou com as seguintes palavras:

“As operações de que se encarregaram os bravos marujos brasileiros foram de suma importância, e os esforços despendidos foram tremendos. Tive de perto a oportunidade de apreciar a capacidade e a bravura dos marujos do Brasil. É preciso que o povo brasileiro tenha conhecimento do que foi a tarefa desses intrépidos soldados do mar”.

Viva a Marinha do Brasil!

Viva a Força Naval do Nordeste! ■